



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**POESIA E ALEGRIA NA OBRA DE LYGIA BOJUNGA NUNES: LEITURA DE  
*ANGÉLICA***

**MONARA REJANE LINHARES**

**CATOLÉ DO ROCHA-PB**

**2016**

**MONARA REJANE LINHARES**

**POESIA E ALEGRIA NA OBRA DE LYGIA BOJUNGA NUNES: LEITURA DE  
*ANGÉLICA***

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>: Vaneide Lima Silva

**CATOLÉ DO ROCHA-PB**

**2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L735p Linhares, Monara Rejane.  
Poesia e alegria na obra de Lygia Bojunga Nunes [manuscrito]  
: leitura de Angélica / Monara Rejane Linhares. - 2016.  
35 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e  
Agrárias, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Vaneide Lima Silva, Departamento  
de Letras e Humanidades".

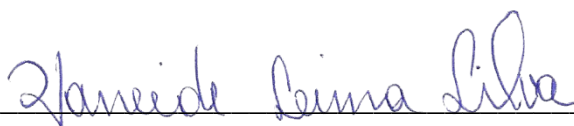
1. Literatura infanto-juvenil. 2. Lygia Bojunga Nunes. 3.  
Linguagem poética. I. Título.

21. ed. CDD 028.5

**MONARA REJANE LINHARES**

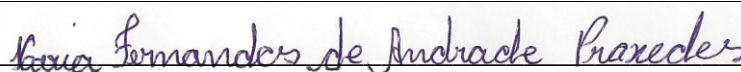
**POESIA E ALEGRIA NA OBRA DE LYGIA BOJUNGA NUNES: LEITURA DE  
ANGÉLICA**

**BANCA EXAMINADORA**



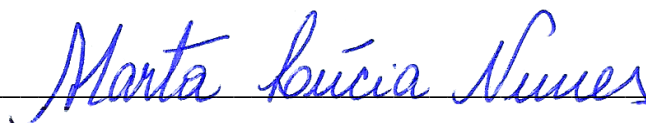
**Prof<sup>ª</sup>. Dra. Vaneide Lima Silva**

Orientadora – UEPB/CAMPUS IV



**Prof<sup>ª</sup>. Msc. Maria Fernandes de Andrade Praxedes**

Examinadora – UEPB/CAMPUS IV



**Prof<sup>ª</sup>. Msc. Marta Lúcia Nunes**

Examinadora – UEPB/CAMPUS IV

APROVADO EM: 16 de maio de 2016

CATOLÉ DO ROCHA-PB

2016

Dedico este trabalho a Deus, pela força e perseverança ante as dificuldades e os obstáculos que superei, também a toda minha família, que sempre me apoia, me dá força, e me incentive na realização dos meus objetivos.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço sobretudo a **Deus**, por ter guiado minha mente, o meu coração e os meus passos durante todos os momentos de minha vida, me fazendo sentir forte, apesar dos desafios e das tribulações existentes.

Agradeço a toda minha família, em especial aos meus pais, **Rita Izabel Linhares** e **Francisco Clementino Linhares**, pelo amor, pelo apoio e pelos ensinamentos que eu levarei por toda minha vida. Agradeço a minha tia **Maria de Fátima Linhares** por toda a atenção, carinho, e por ter me apoiado e me incentivado a seguir o caminho da docência. Agradeço aos meus irmãos **Márcia Roseane Linhares** e **Francisco Marcos Linhares** por sempre estarem comigo quando preciso.

Ao meu esposo **Werlisson Darlles Linhares Dutra**, pelo amor, companheirismo e pela força quando preciso, e principalmente por ter me dado o meu maior presente, minha filha **Isabelle Linhares Dutra**.

Agradeço também a minha prima **Maria da Conceição Linhares Vidal** por toda a ajuda, o carinho, a atenção que tem por mim, que assim como eu segue os passos da docência, sendo um exemplo a ser seguido.

Quero agradecer a minha querida amiga **Daiana Targino da Silva** por tudo que ela fez e faz por mim, me dando força, conselhos e uma palavra amiga e sincera quando preciso.

Agradeço também a **Silmara Fernandes de Alencar**, por todo o carinho e amizade construídos ao longo do curso e, que apesar da distância, a levo sempre em minhas lembranças em meu coração.

Agradeço aos meus primos, em especial, a **José Roberto Targino da Silva**, por ter me ajudado no período do curso de letras.

Agradeço também a todos os professores que passaram pela minha vida, pois todos tiveram e deixaram sua contribuição e ensinamentos durante minha vida escolar e acadêmica.

Agradeço a minha orientadora **Vaneide Lima Silva**, pela ajuda, apoio, atenção e preocupação durante a orientação, pois, graças a ela concluir o meu trabalho de conclusão de curso. Obrigada professora, você é um exemplo de sabedoria, humildade e profissional a ser seguido por todos.

*“Pra mim, livro é vida; desde muito pequena os livros me deram casa e comida.*

*Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo; em pé fazia parede; deitado, fazia degrau de escada; inclinado, encostava num outro e fazia telhado.*

*E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá dentro pra brincar de morar em livro”.*

**LYGIA BOJUNGA NUNES**

# POESIA E ALEGRIA NA OBRA DE LYGIA BOJUNGA NUNES: LEITURA DE *ANGÉLICA*

LINHARES, Monara Rejane. UEPB – Campus IV

SILVA, Prof<sup>a</sup> Dra. Vaneide Lima. UEPB – Campus IV

## RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo principal de analisar a narrativa *Angélica*, de Lygia Bojunga Nunes, e identificar as marcas da poesia presentes na obra, cujo ludismo com a linguagem se dá através de rimas, jogos sonoros e outras figuras de linguagem tipicamente poéticas, responsáveis pelo simbolismo e a alegria no trabalho narrativo da escritora. Sua obra já foi publicada em vários países, inclusive na Europa, onde seus livros têm sido altamente recomendados pela crítica europeia. Bojunga alcança lugar de destaque na Literatura Infanto-Juvenil, tendo colecionado vários prêmios, sendo agraciada com a mais alta distinção internacional de Literatura Infanto-Juvenil: a medalha **Hans Christian Andersen**, considerado o *Nobel* dos escritores para a infância e juventude de todo o mundo. Essa foi, aliás, a primeira vez que esse prêmio foi outorgado a um autor latino-americano. O contato com *Angélica* suscitou o desejo de estudar com mais profundidade a obra de Bojunga. A leitura do livro possibilitou a realização deste trabalho, que se fundamenta em outros estudos: Cadermatori (2006), Lajolo e Zilberman (2006), Pondé (1986), Cunha (2012), entre outros.

**Palavras-chave:** Literatura Infanto-Juvenil. Lygia Bojunga Nunes. Linguagem poética.



## ABSTRACT

This work has the main objective of analyzing the Angelica narrative, Lygia Bojunga Nunes, and identify the poetry of brands present in the work, whose playfulness with language is through rhymes, sound games and other figures typically poetic language, responsible the symbolism and joy in the narrative work of the writer. His work has been published in several countries, including in Europe, where his books have been highly recommended by European criticism. Bojunga reaches prominent place in the Children and Youth Literature, having collected several awards, being awarded the highest international distinction of Children and Youth Literature: Hans Christian Andersen Medal, considered the Nobel of writers for children and youth from around the world . This was indeed the first time that this award has been granted to a Latin American author. Contact with Angelica raised the desire to study in depth the work of Bojunga. Reading the book made it possible to carry out this work, which is based on other studies: Cadermatori (2006), Lajolo and Zilberman (2006), Pondé (1986), Cunha (2012), among others.

**Keywords:** Children and Youth Literature. Lygia Bojunga Nunes. Poetic language.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>1 LYGIA BOJUNGA NUNES E A LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA ....</b>	<b>11</b>
1.1 Situando a Literatura Infantil no Brasil .....	11
1.2 Fontes Iniciais .....	13
1.3 Situação Atual .....	15
1.4 A obra de Lygia Bojunga Nunes .....	18
<b>2 O LUGAR DA POESIA NA FORMAÇÃO DO LEITOR .....</b>	<b>23</b>
<b>3 MARCAS DA POESIA NA OBRA DE LYGIA BOJUNGA NUNES: LEITURA DE ANGÉLICA .....</b>	<b>27</b>
3.1 Resumindo o Enredo .....	27
3.2 Identificando as marcas da poesia em <i>Angélica</i> .....	28
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>35</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende apresentar uma análise do livro *Angélica*, de Lygia Bojunga Nunes (1995), procurando identificar e mostrar toda a “carga” poética existente na narrativa, sem deixar de apontar a contribuição dos elementos poéticos para a ludismo sonoro que caracteriza a obra da escritora, agregando valor literário. Bojunga é considerada pela crítica como uma autora maior em nossa literatura infantil, porque se destaca no contexto da produção literária infantil, uma vez que seus livros sempre se destacam no cenário das crianças.

Vale ressaltar que a Literatura Infantil brasileira percorreu um longo caminho para concretizar-se como uma literatura com características próprias. Todo seu início é marcado, fortemente, por um pedagogismo e um moralismo educativo, comprometendo-se com a educação e formação social e intelectual de crianças e jovens que recebiam essas obras.

De início não existia uma literatura, propriamente infantil, as crianças (geralmente das classes mais abastadas) recebiam a literatura destinada aos adultos. A partir da preocupação da formação dos jovens e crianças é que se começa a pensar em uma literatura infantil, que pudesse trazer ensinamentos, valores aos futuros cidadãos.

O texto literário infantil brasileiro inicia sua trajetória baseando-se no texto europeu, principalmente nos trabalhos de Perrault e dos irmãos Grimm, textos que foram produzidos a partir de histórias contadas pelo povo e adaptadas ao público infantil, com a função de educar, instruir a criança aos valores vigentes na época. Essa característica do pedagogismo perdurou por muito tempo na literatura infantil brasileira, sendo deixada de lado quando, alguns escritores, a exemplo de Monteiro Lobato, passaram a olhar o universo da criança de outra maneira, com mais ludicidade e imaginação.

Os textos posteriores a Lobato, inclusive os dele, passaram a ter mais qualidades literárias, trazendo um jeito novo de escrita, mais fluida, sem a preocupação de trazer ensinamentos e valores. Nesse aspecto, destacam-se os trabalhos da escritora brasileira Lygia Bojunga Nunes, que com um jeito próprio e novo de escrita, traz para o texto infantil fantasia, ludicidade, transpassando os limites da imaginação.

A obra de Lygia Bojunga Nunes traz, em sua essência, a ruptura com o que está estabelecido, contestação de valores vigentes, e, principalmente, mostra o mundo infantil a partir do olhar e dos sentimentos da criança e não do adulto. A autora tem uma linguagem própria, e usa a inventividade para “transformar” as palavras em seus textos, fazendo a criança viajar para um mundo novo, cheio de fantasia e brincadeira.

Dentre elas, destaca-se a obra *Angélica* (1995), que traz uma linguagem cheia de poeticidade e alegria, mesmo tratando-se de uma narrativa, a qual tomamos para análise neste trabalho, cujo objetivo, buscará evidenciar os elementos poéticos existentes, sem deixar de mostrar a importância da leitura literária para a criança, pois por meio dela ela irá conhecer um mundo novo cheio de descobertas, encantos e imaginação.

## 1 LYGIA BOJUNGA NUNES E A LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

### 1.1 Situando a Literatura Infantil no Brasil

A literatura infantil, por ser um gênero recente na história da Literatura, inicia-se sob a sombra da literatura europeia, a partir de trabalhos coletados de narrativas orais e com caráter moralizante e pedagógico para a manutenção de valores vigentes na época. Essas narrativas eram transformadas, esteticamente e literalmente, de acordo com a classe social a que se destinavam, especialmente a burguesia, que queria a propagação de seus ideais pelas novas gerações.

Com o avanço do capitalismo, a sociedade começa a sentir necessidade de instituições escolares para alfabetizar suas crianças, já que essa “modernidade” exigia dos sujeitos o domínio da leitura e da escrita no mundo letrado que surgia. Nesse contexto, a literatura infantil, conforme Colomer (2003, p. 59) se “define em função do seu destinatário e responde aos propósitos sociais, que lhes foram atribuídos em cada momento histórico”. E nesse universo cultural o texto infantil passou a assumir uma função pedagógica e instrutiva.

Todos esses aspectos vão nortear o surgimento de uma literatura infantil no Brasil, principalmente em meados do século XX, período em que o país passava por diversas transformações políticas, econômicas, sociais, além de viver um acelerado crescimento urbano. Todo esse crescimento favoreceu o aparecimento de uma população consumidora, agora não apenas de produtos industrializados e importados, mas também de bens culturais, bens que não se destinavam somente aos adultos, mas também às crianças, que precisavam ser “inseridas” nesse mundo cultural de saber que estava surgindo.

As obras infantis desse período tinham uma preocupação pedagógica, valorizando, primordialmente a instrução, o ensino escolar e o patriotismo nacional. Essa preocupação pedagógica ligava-se, intimamente, aos textos literários destinados ao público infantil, já que a instituição escolar era detentora do saber e da formação intelectual e social da criança.

A esse respeito Lajolo e Zilberman (2006, p. 25) mostram que:

Como é a instituição escolar que as sociedades modernas confiam a iniciação da infância tanto em seus valores ideológicos, quanto nas habilidades técnicas e conhecimentos necessários inclusive à produção de bens culturais, e é entre os séculos XIX e XX que se abre espaço, nas letras brasileiras, para um tipo de produção didática e literária dirigida em particular ao público infantil.

Ao lado dessa valorização pedagógica e instrutiva, surge também uma gama de textos literários variada, abrindo espaço para o desenvolvimento de obras que traziam em si a preocupação de desenvolver na criança o hábito da leitura. O desenvolvimento desse hábito propiciava ao futuro cidadão do país a “apreensão” dos valores vigentes já que a criança representaria o país do futuro.

Outro aspecto importante e bastante explorado no início da Literatura Infantil foi a preocupação em criar uma literatura propriamente nacional que tivesse reciprocidade entre as crianças, pois muitas das adaptações europeias que chegavam, geralmente por meio de Portugal, não correspondiam à realidade existente. A partir disso, vários intelectuais e escritores empenharam-se, fortemente, em trazer textos que mostrassem, embora muitas vezes de uma maneira idealizada, fantasiosa, o Brasil onde viviam, mostrando seus aspectos geográficos, culturais e sociais para disseminar o patriotismo, o amor e o respeito.

Além de serem, segundo Lajolo e Zilberman (2006, p. 36):

Marcados pela preocupação moralista e pela exortação aberta e redundante ao trabalho, ao estudo, à obediência, disciplina, caridade, honestidade. E é como reforço e contextualização verossímil desse aconselhamento moral que as cartas presentes no livro cumpre sua função: ora escritas por zelosos irmãos mais velhos, ora por crianças modelares, elas vão dando conselhos e prescrevendo virtude aos leitores.

A preocupação com a criação de uma literatura infantil “adequada” à criança refletia-se também no trabalho com a linguagem dos textos, tornando-a acessível. As traduções dos modelos europeus feitas por vários escritores não correspondiam com a realidade linguística das crianças, fato ressaltado por Lajolo e Zilberman (2006, p. 31): “esta distância entre a realidade linguística dos textos disponíveis e a dos leitores é unanimemente apontada por todos que discutiam a necessidade da criação de uma literatura infantil brasileira”.

Dentro desse espírito, surgiram vários programas de racionalização de acervo literário existente. E o mais importante, possibilitou o aparecimento de obras e

escritores que começaram a mudar as características e a estética literária desses textos, tornando-os mais próximos do universo infantil.

Um desses autores foi Monteiro Lobato que por meio de suas obras estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios. Ele traz indagações, questionamentos a respeito do que está estabelecido, procurando estimular a inteligência, a imaginação em detrimento da moralidade tradicional.

Todo esse percurso histórico da literatura infantil brasileira mostra o longo caminho que esse gênero percorreu para se firmar efetivamente no universo literário. A produção de obras que valorizam o universo infantil começa a surgir a partir dos anos 70, quando os textos produzidos começam a mudar, deixando de lado o pedagogismo e a instrução escolar, em favor de textos que priorizam a imaginação, a fantasia, a brincadeira e o ludismo.

Essa literatura infantil a cada dia evolui e se transforma, procurando trazer textos que estejam próximos do mundo da criança. Além de deixar de lado antigos conceitos e estilos, a Literatura Infantil, a partir da década de 70, começa uma nova fase de sua história, mais livre, aberta, lúdica e incentivadora da leitura literária por todos e não apenas no contexto escolar.

## 1.2 Fontes Iniciais

O texto literário, até o século XVII, era escrito para adultos e crianças, sem distinção. Não havia uma separação e as crianças, especialmente, as das camadas mais altas da sociedade liam o que os adultos liam; já as das camadas baixas entravam em contato com as tradições orais existentes, por meio de “estórias” e contos populares contados pelos adultos (CUNHA, 2003).

Os textos literários não eram específicos para as crianças. Isso só aconteceu a partir do momento que a sociedade sentiu a necessidade de educá-las, pois a criança era considerada um adulto em formação, e precisava aprender ensinamentos, “valores postos” para mantê-los e propagá-los sem desestruturar o status quo. Sentiu-se a necessidade de se fazer textos direcionados a crianças, e a inspiração veio das fontes, dos contos populares contados pelo povo.

A esse respeito, Cademartori (2006, p. 39) salienta que:

A literatura passou a ser vista como um importante instrumento de formação e os contos coletados junto às fontes populares são postos a serviço dessa missão. Tornam-se didáticos e adaptados à longa gênese do espírito a partir do pensamento ingênuo até o pensamento adulto, evolução do irracional ao racional.

A partir disso, essa literatura infantil começa a surgir, embora de forma tímida e, principalmente, atrelada ao pedagogismo. Ela serviria para “educar” as crianças de acordo com as normas sociais vigentes, impostas pela classe adulta, que queria sua perpetuação pela nova geração, “instruída” para mantê-las.

Um dos percursores dessa literatura infantil buscada na tradição oral e na moralização é o francês Charles Perrault (criador dos contos “Cinderela”, “Chapeuzinho Vermelho” e outros) que começa a coletar os contos populares e adaptá-los ao novo público, trazendo a ele princesas, príncipes, fadas, bruxas e outras figuras. Perrault não segue, fielmente, a tradição popular e seus textos são marcados profundamente pela preocupação em fazer uma “arte moralizante”. Nesse contexto Cademartori (2006, p. 36) vem mostrar que:

O trabalho de Perrault é o de um adaptador. Parte de um tema popular, trabalha sobre ele e acresce-o de detalhes que respondem ao gosto da classe à qual pretende endereçar seus contos: a burguesia. Além dos propósitos moralizantes, que não têm a ver com a camada popular que gerou os contos, mas com os interesses pedagógicos burgueses.

Essa “conversão” de literatura popular em infantil fez com que Perrault mostrasse um modelo educativo predominante na época. Porém, mesmo com todo esse pedagogismo e mudanças atrelados a sua literatura, não se pode dizer que Perrault não fez uso do popular. Segundo Cademartori (2006), ele realizou uma “recuperação” dessa cultura, garantindo a aceitação de seus contos, através do uso de “ditos” que facilitavam a memorização pelo público infantil.

Charles Perrault teve uma grande, importante e produtiva contribuição para o desenvolvimento da literatura infantil, pois ele abriu as “portas” para sua concretização. Seguindo o mesmo estilo de Perrault, uma contribuição importante e que merece destaque vem da Alemanha, feita pelos irmãos Grimm (Jacob e Wilhelm Grimm no século XIX) que também adaptaram os contos populares em seus textos.

Os irmãos Grimm coletaram histórias contadas pelo povo e passaram a adequá-las, modificando seu caráter literário. Esses contos produzidos passavam por muitas transformações, já que eles buscavam, através de uma “sensibilidade



literária” para chegar em um “conto ideal”, com um estilo próprio e cativante, típico dos contos de fadas.

No Brasil o “pontapé” inicial de se fazer uma literatura, verdadeiramente, destinada à criança é dado pelo escritor Monteiro Lobato, criador do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Deixando um pouco de lado a influência europeia, Lobato começa a trazer em suas obras um Brasil diferente do que era mostrado pelas outras “literaturas”, sem nacionalismos e romantismos. Fato elucidado por Cademartori (2006, p. 48):

(...) Assumindo a responsabilidade da denúncia, formulando uma audaciosa advertência, Monteiro Lobato estabelece uma ligação entre a literatura e as questões sociais. Dessa natureza é o nacionalismo de Lobato: sem ufanismos, sem patriotada, o olho crítico e impiedoso na realidade do país, a inconformidade com os problemas da sociedade brasileira.

A literatura criada por Lobato inspira, transforma, incentiva o debate, a respeito de questões que o consenso e os valores estabelecidos já haviam dado resposta. Ela é investigadora, à medida que abre caminhos para experiências futuras, uma vez que traz para o universo infantil personagens “próximos” a criança, instigando a descoberta de um mundo novo, cheio de imaginação.

Muitas foram as contribuições para concretização da literatura infantil como gênero literário próprio, com suas características e peculiaridades. Ao longo do tempo esse gênero foi se desvinculando do pedagogismo e da instrução moralizante e se tornando mais próximo do universo infantil, não de forma simplória, “boba”, sem conteúdo, mas de maneira “madura”, mostrando o lugar, o ser criança.

### 1.3 Situação Atual

A literatura infantil vem a cada dia se destacando no cenário literário brasileiro, e as transformações ocorridas ao longo de seu surgimento consolidaram o gênero, graças ao trabalho e dedicação de vários profissionais envolvidos como editores, intelectuais, ilustradores e, principalmente, escritores que buscaram firmar o texto infantil como gênero literário.

Ao longo dos anos ela foi mudando sua forma e seu conteúdo, incorporando aos textos novas temáticas, valorizando o mundo e o imaginário infantil, além da ludicidade e da imaginação. Segundo Cagneti (1986, p. 16),

Os textos passaram a ter qualidades literárias. E também a questionar, a levantar problemas e dúvidas. Os escritores abandonaram a posição de donos da verdade, buscando até mesmo aprender com os menores, indo de encontro aos seus interesses e expectativas.

Vale lembrar que inicialmente o texto infantil tinha, essencialmente, um caráter utilitarista, pedagógico e moralizante, usados para ensinar, “educar” a criança, de acordo com os valores sociais, as ideologias presentes em sociedade. A criança, que era considerada um ser frágil e inocente, de fácil “manipulação” tornava-se propícia à reprodução dessas ideologias. É o que afirma Cademartori (2006, p. 34):

Tradicionalmente, a literatura infantil apresentou, por determinação pedagógica, um discurso monológico que, pelo caráter persuasivo, não abria brechas para interrogação, para o choque de verdades, para o desafio da diversidade, tudo se homogeneizando numa só voz, no caso, a do narrador”.

Esse discurso monológico e homogêneo destinado à criança refletia-se em uma literatura sem nenhuma preocupação estética e literária, voltado apenas para a instrução e a orientação pedagógica. Tal panorama só começou a mudar a partir do momento que os escritores passaram a deixar de lado o caráter pedagógico e utilitarista da literatura e começaram a valorizar outros temas e formas, a partir dos interesses e expectativas da criança.

Essa nova literatura trouxe um outro aspecto fundamental para os escritores infantis: o prazer e o gosto pela leitura; uma leitura fluida, prazerosa, não impositiva e sem um fim (pré) determinado. Cagneti (1986) mostra que não se pode esperar que alguém goste de ler, enquanto a leitura for sinônimo de coisa chata, de castigo, feita de maneira impositiva; essa leitura literária deve ser estimulada e apresentada naturalmente à criança.

Nesse sentido, a literatura tem função importantíssima para o desenvolvimento da leitura pela criança. Esse contato da criança com o livro é um encontro com um mundo cheio de belezas, fantasias, um mundo novo de descobertas, pois conforme Oliveira (2010, p. 45) “a literatura infantil está vinculada

ao prazer, ao belo, ao lúdico, e nela a preocupação com o ensinar não deve ter vinculação com o dever ser, mas com o sensorial e o emocional”.

Ainda a esse respeito Oliveira (2010, p. 42) afirma que.

A literatura infantil aponta para outras maneiras de ser, outros caminhos a serem percorridos, que no plano real seria quase impossível. Aprende-se e conhece-se por meio da literatura do texto literário, no entanto não há necessidade de imporem-se conhecimentos, formatando a criança dentro de princípios racionais que idealizam o ser e o elegem como alguém que deve tornar-se estritamente cumpridor de deveres. A literatura também não é um texto acabado que obriga a criança a aceitá-lo de forma passiva, mas um processo contínuo de descoberta e de autocriação.

Toda essa questão só vem ratificar que o trabalho com o texto literário não pode restringir-se a uma formação escolar, pedagógica, mas deve fazer parte do cotidiano das crianças, instigando-as a saber mais, ir além do que está escrito. A literatura infantil deve propiciar a interpretação do mundo, incitando a fantasia, a afetividade e a liberdade de emoções da criança.

Os novos escritores que surgem procuram trazer em seus textos uma linguagem nova, porém, não menos trabalhada, que desperte a alegria, a emoção da criança. Livros que trazem questionamentos, levantam problemas, não procuram “doutrinar”, ensinar regras, lições moralizantes, mas que veem a criança como um ser capaz, pensante, valorizado, um texto que aprimora as características próprias do universo infantil.

Sobre essa renovação e ruptura com antigos conceitos e formas presentes no texto infantil contemporâneo, Lajolo e Zilberman (2006, p. 161) afirmam:

São, assim, muitas as formas pelas quais o texto infantil contemporâneo busca romper com a esclerose a que o percurso escolar e o compromisso com uma pedagogia conservadora parece ter confinado o gênero. A ruptura acarreta ainda a produção de textos autoconscientes, isto é, de textos que explicitam e assumem sua natureza de produto verbal, cultural e ideológico. Reside aí o ponto de radicalidade mais extrema a que chega o texto infantil das duas últimas décadas.

A exemplo dessa renovação estão os escritores que procuram, por meio de seus textos, trazer uma linguagem inovadora, com temas que exaltam o ludismo, a imaginação. Dentre esses, destacam-se as produções narrativas de Lygia Bojunga Nunes, autora da obra *Angélica*, livro que será analisado neste trabalho mais adiante. Outros escritores de destaque também valorizam a ótica infantil,

destacando-se também Ana Maria Machado, com *História Meio ao Contrário*; Ruth Rocha, com *Marcelo, Marmelo, Martelo*; Ziraldo, com o *Menino Maluquinho*; Fernanda Lopes de Almeida, com *A Fada que tinha ideias*, dentre muitos outros.

No tocante a poesia infantil, vale a pena destacar os trabalhos de Cecília Meireles com *Ou isto ou aquilo*; Vinícius de Moraes com a *Arca de Noé*; José Paulo Paes, (Poemas para brincar); Sérgio Caparelli com *111 poemas para crianças*, e muitos outros, que buscaram através de seus textos aproximar a criança da poesia. Poesia que traz o belo, o divertido, o mágico, sem uma função pedagógica definida.

O texto infantil contemporâneo busca “erradicar” de vez o pedagogismo tão presente e marcante em seu início. É uma literatura que está em constante transformação, e a cada dia surgem novos autores, com novas temáticas, novos estilos, fazendo-a “expandir” seus horizontes e o universo imaginário infantil.

#### 1.4 Sobre a obra de Lygia Bojunga Nunes

A escritora Lygia Bojunga Nunes nasceu na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, em 23 de agosto de 1932. Aos oito anos de idade mudou-se para o Rio de Janeiro, onde tornou-se atriz em uma companhia de teatro, em 1951. Em 1972 inicia sua vida literária, trabalhando antes para o rádio e a televisão. Nesse ano, a autora inaugura sua entrada no mercado editorial com a publicação de *Os Colegas*, a partir da qual se seguiram *Angélica* (1975), *A Bolsa Amarela* (1976), *A Casa da Madrinha* (1978), *Corda Bamba* (1979), *O sofá estampado* (1980), *Tchau* (1984), *O meu amigo pintor* (1987), *Nós três* (1987), *Livro, um encontro* (1988), *Fazendo Ana Paz* (1991), *Paisagem* (1992), *Seis Vezes Lucas* (1995), *O abraço* (1995), *Feito à mão* (1996), *A Cama* (1999), *O rio e eu* (1999), *Retratos de Carolina* (2002), *Aula de Inglês* (2006), *Sapato de salto* (2006), *Dos vinte 1* (2007).

Essas obras foram traduzidas para várias línguas, como: francês, alemão, espanhol, sueco, norueguês, hebraico, italiano, búlgaro, checo e islandês, sendo a autora já premiada, muitas vezes, com renomados e importantes prêmios literários no cenário infantil, entre eles, destacam-se: o Prêmio Jabuti (1973), o Prêmio de Literatura Rattenfänger (1986), e o Prêmio Hans Christian Anderson, considerado o Nobel da Literatura Infantil mundial.

Como vimos anteriormente, o panorama literário infantil brasileiro, por muito tempo, seguiu modelos europeus, priorizou o ensino, a instrução e o pedagogismo em favor de temas que despertassem a imaginação, a fantasia e o lúdico das crianças. Diante deste cenário, Lygia Bojunga Nunes aparece como a “transgressora” dos limites entre a fantasia e a realidade, mostrando através de suas obras o universo infantil, partindo da perspectiva e do olhar da criança, além de observar a vida cotidiana repleta de magia, encantamento. É a partir desses aspectos que Lygia constrói seus textos.

De acordo com Cademartori (2006, p. 65):

A autora apresenta como valores a inventividade, o companheirismo e o diálogo. Reabilita o grupo como afirmação da identidade e, ao mesmo tempo, meio de defesa e resistência. Em lugar de afirmações absolutas, incentiva a reflexão crítica que examina novas ordenações e mudanças de funcionamento na estrutura social. A fantasia desmistifica o real, propondo novas ordens.

Tanto a fantasia, quanto a imaginação, a amizade, a ruptura de valores estabelecidos arraigados em sociedade e a busca pela verdadeira identidade são temas que permeiam fortemente a obra de Bojunga. Na maioria das vezes as personagens criadas por ela são animais que trazem em sua essência sentimentos, emoções humanas (humanização). Para Lajolo e Zilberman (2006, p. 158), “mais do que a representação de situações sociais tensas, Lygia Bojunga Nunes traz para suas histórias a interiorização das tensões pela personagem infantil; mostrando que a criança pode ter voz, vontades e sonhos”. É o que ocorre em *Os colegas* (1972), livro onde vemos a luta pela sobrevivência, as relações de amizade, ficando evidenciada a importância da solidariedade e da união. Se exalta também a conquista da liberdade interior, além da descoberta das “coisas” boas da vida.

*Angélica* (1995) relata as aventuras de amigos, além de enfatizar a busca pela identidade própria e a luta contra o que está estabelecido, em favor da mudança, temática também presente em *A Bolsa Amarela* (1976), que traz também a busca da identidade protagonizada por Raquel, personagem que procura conhecer-se primeiro para depois conhecer o outro e o mundo.

*A Casa da Madrinha* (1978) aborda a busca pelo ideal, o lugar utópico. A narrativa também mostra problemas sociais, econômicos, políticos, levando os leitores à reflexão crítica.

*Corda Bamba* (1979) retoma a temática da busca pela identidade, além de trazer para o texto questões problemáticas do ser humano como o egoísmo, o preconceito, a ganância, as diferenças sociais e as dificuldades dos relacionamentos humanos.

Em *Retratos de Carolina* (2002) Lygia transcende o texto, virando personagem e envolvendo-se com os mesmos, ficando bastante evidente a relação entre realidade e fantasia, em que a esperança no futuro é o sonho a ser perseguido.

Enfim, em todas essas obras vê-se a insatisfação da autora com o que está estabelecido em sociedade, a contestação de valores e ideias através da fantasia, sendo através desta que se verifica a busca por um futuro melhor, ideal que se pretende atingir através das obras da autora como sendo um ideal a se realizar.

No geral, seus personagens vivem crises de identidade, ficando divididas entre a imagem que os outros têm delas e a auto-imagem que trazem em seu interior. Imagens representadas através de desejos, viagens, sonhos; fatos imprescindíveis e fundamentais para a busca de suas “verdadeiras identidades”. Os protagonistas percorrem o caminho em direção à posse plena de suas idealidades, independentemente das opiniões que os cercam, indo atrás do que querem e acham importante em suas vidas, como se pode observar na fala de “Angélica” (do livro *Angélica*) e Raquel (do livro *A Bolsa Amarela*): nesses dois trechos a seguir.

E se tem coisa que eu não topo é fingir. Quando é pra brincar de faz-de-conta eu gosto. Mas, quando é pra viver o tempo todo enganando os outros e fingindo uma coisa que eu não sou, ah isso eu não topo!  
(...) eu só pensava em deixar meu país e ir para bem longe, (NUNES, 1995, p. 34)

Eu tenho que achar um lugar pra esconder as minhas vontades. Não digo vontade magra, pequeninha, que nem tomar sorvete a toda hora, dar sumiço da aula de matemática, comprar um sapato novo que eu não agüento mais o meu. Vontade assim todo o mundo pode ver, não to ligando à mínima. Mas as outras, essas eu não quero mais mostrar. (NUNES, 1976, p. 11)

A originalidade da obra de Bojunga é elucidada por Lajolo e Zilberman (2006, p. 158), que afirmam:

Sua narrativa flui num ritmo vagaroso, atento à minúcia de comportamento e de ambiente que às vezes se aproxima de fluxo de consciência. O resultado é uma narrativa original que, além de romper com a linearidade, parece ter

a intenção de calar-se ao modo infantil de perceber e dar significado ao mundo

A autora, como todo bom escritor, tem uma linguagem própria, inovadora, “inventiva”, trazendo para o universo infantil um novo modo de se fazer literatura. Esse trabalho com a linguagem é imprescindível no texto literário, pois possibilita à criança viajar em um mundo imaginário, muitas vezes mágico, através das palavras, afinal,

Conforme explicita (Souza, 2011, p. 152) a respeito da linguagem literária:

A linguagem literária é caracterizada por sua plurissignificação. Termos e expressões são utilizados muitas vezes com sentidos diferentes daqueles que lhes são atribuídos comumente. Por isso, as palavras no texto literário têm o poder de nos envolver e transportar para um lugar que não é só imaginário, mas também é real. É real porque se pode viver um momento inigualável, mesmo que este seja fruto do imaginar, do sentir, do fruir, de aprender ou do sonhar...

Esse “fazer” literário através das palavras é muito marcante na obra de Lygia Bojunga. Seus textos trazem a relação das palavras com as coisas, enfatizando o poder da linguagem na transformação da realidade existente. A criação de neologismos, da composição de substantivos compostos, das construções de frases criativas e inventivas, dão às obras de Bojunga características próprias, explorando a “elasticidade” das palavras.

Há também uma presença muito forte do uso de coloquialismos, responsáveis pela simplicidade da linguagem da autora, a qual se aproxima bastante da oralidade. Esse recurso configura como uma forma de aproximar a literatura do universo infantil e, principalmente, distanciá-la do padrão formal culto, que por muito tempo permeou o texto infantil. Para essa transformação da linguagem, Lygia busca inspiração nas gírias existentes, nos falares cotidianos e os insere em seus textos de maneira coerente e com bastante propriedade.

Além de toda essa “inovação” no jeito da escrita, Lygia Bojunga também faz uso da poesia em seus textos narrativos. A linguagem poética presente em suas narrativas traz um novo universo de criação e significação. A escritora “lança mão” de vários recursos compositivos como jogos sonoros, imagens poéticas, comparações, representação de um mundo mágico, organizando as palavras no texto de maneira a produzir um efeito poético e levando o leitor a pensar, emocionar-se, refletir e ver uma outra perspectiva de mundo. A respeito de sua linguagem,

Pondé (1986, p. 126) afirma que, ao fazer uso da poesia, Bojunga se utiliza de um dos meios de se criar novas linguagens e de se respeitar o mundo da criança, que tem uma lógica particular e característica.

Essa expressividade, espontaneidade e poeticidade na escrita da autora torna única sua obra, que detém características próprias. A poeticidade na prosa de Lygia Bojunga Nunes aparece como forma de representar e caracterizar o mundo da criança, mundo esse cheio de inventividade, companheirismo, magia, ludicidade, temas que Lygia Bojunga Nunes aborda de forma recorrente em seus livros. Antes de evidenciarmos os traços poéticos na narrativa *Angélica*, destacamos no capítulo a seguir a importância da poesia na formação do leitor.



## 2 O LUGAR DA POESIA NA FORMAÇÃO DO LEITOR

A literatura infantil passou e vem passando por grandes transformações desde seu surgimento até o momento atual. A “nova” fase em que se encontra se caracteriza pela desvinculação do forte pedagogismo que marcou as primeiras publicações destinadas ao público infantil. Por conseguinte, se apresenta como uma produção destituída da instrução e do tom moralizante que por muito tempo permearam os textos destinados as crianças. Para tanto, os autores têm buscado incorporar novas linguagens, a exemplo do que explicitamos ao comentar alguns dos livros de Lygia Bojunga Nunes.

A escola, local de aprendizagem e aquisição de conhecimentos, “toma” para si a responsabilidade de “formar” e instruir a criança tornando-a futuro cidadão e inseri-la no mundo da leitura e da escrita. Sob essa ótica, a leitura literária aparece como uma forma “pouco” apreciada pelas crianças, pois sua principal função torna-se e restringe-se a apreensão do domínio da norma culta da língua, tirando o aspecto criativo, lúdico e transformador da literatura. A esse respeito, Cosson (2010, p. 57) declara:

O ensino da literatura cristalizou-se no uso supostamente didático do texto literário para ensinar uma gramática esterilizada da língua, e o que mais interessasse ao currículo escolar. A leitura da obra, quando realizada, serve apenas para discussões inócuas de temas vagamente inspirados pelo texto e o preenchimento de fichas de leituras padronizadas. As relações possíveis entre os textos foram perdidas pelo uso aleatório e excessivo de fragmentos ou nas seleções já organizadas pelos livros didáticos.

O fato é que o trabalho com o texto literário em sala de aula tem se mostrado bastante limitado, uma vez que as atividades de leitura se caracterizam como enfadonhas e desprovidas de prazer, pois o texto, em sua grande maioria, é utilizado como pretexto para o estudo de elementos extrínsecos, ao invés de contribuir para o despertar da sensibilidade do leitor em formação. A obrigação em torno da leitura a transforma em atividade chata que desmotiva a criança ou o adolescente a buscar novos textos, o que poderia favorecer a ampliação da sua história de leitura. Podemos afirmar ainda que a mensagem dos textos ainda é bastante privilegiada quando se explora o texto literário, o que faz dele um suporte para se ensinar regras de comportamento ou dar lições de moral aos alunos.

Um dos gêneros literários de grande importância para o desenvolvimento do gosto, do prazer pela leitura na criança é a poesia. Ela é enriquecedora, transformadora, pois traz novos significados ao que é real; a linguagem usada pela poesia “transgride” as normas objetivas e racionais existentes, instituindo uma nova lógica, com um novo olhar para as coisas e para o universo infantil. Segundo Pondé (1986, p. 126):

A poesia é, por excelência, um dos meios de se criar novas linguagens e de se respeitar o mundo da criança, que tem uma lógica particular e característica. A criança possui um modo de perceber o mundo diferente do adulto. Sua apreensão é emocional e globalizante; por isso, a poesia, com sua linguagem altamente condensada e emotiva, sensibiliza-a de maneira extremamente intensa.

A linguagem poética tem o poder de recriar o existente, dando-lhe um novo significado. Essa linguagem, quando apresentada à criança, proporciona-lhe uma liberdade de criação, despertando todo o seu lado emocional e sentimental; ela “opera” a partir de imagens e símbolos poéticos existentes no texto literário. Pondé (1986, p. 128) acredita que “a poesia seria um dos meios de se escapar do imperialismo do poder adulto, centrado na razão e na linearidade, para se atingir outros processos de leitura e/ou de ver o mundo”.

O trabalho com a linguagem poética transcende o escrito. Seu discurso traz novos significados e amplia o universo infantil. Para a criança/leitor a poesia torna-se o encontro com o novo, o inesperado, o diferente, pois as palavras presentes apresentam um novo jeito de ver as coisas. As experiências expressadas pela poesia não se resumem apenas à palavras, mesmo que se expressem por elas, a poesia vai além do escrito, e transcende os signos que a representa.

A poesia infantil tem suas características e especificidades próprias, trazendo para o leitor/criança um mundo “inventivo”, cheio de novas descobertas e desafios. Essa poesia deixa de lado o pedagogismo e a perspectiva tradicional que tematiza bichos, paisagens, questões familiares, a partir do ponto de vista do exemplar e educativo; passando a trazer novos temas, principalmente, o cotidiano infantil, com todas as peculiaridades e características, além de “falar” pela criança, salientando seus desejos, sonhos, fragilidades, emoções, entre outros.

A poesia, e a literatura de forma geral, estimula a imaginação da criança, auxiliando-a a conhecer-se melhor, e a ampliar sua visão de mundo, despertando emoções e capacidade de sonhar e imaginar. Segundo Souza (2011, p. 81):

A literatura inicia a criança na palavra, no ritmo e na memória, desenvolvendo a competência literária, cuja formação se produz através do hábito leitor. Possibilita, também, a participação ativa do sujeito como leitor fazendo dele um ser crítico, reflexivo, capaz de elaborar suas próprias interpretações, além de o auxiliar na construção dos símbolos e na convalidação dos sistemas de crenças e valores.

A linguagem infantil tem uma poeticidade própria, natural e isso aproxima a criança da poesia, pois faz com que ela a reconheça e identifique-se. O texto poético traz em sua composição vários elementos que evidenciam e estão presentes no cotidiano infantil, como as brincadeiras tradicionais ou inventadas, cantigas de rodas, acalantos, entre outros que fazem parte do universo infantil e também do poético, a exemplo do ritmo, da musicalidade, das repetições e onomatopeias, para citar apenas alguns.

Ao entrar em contato com o universo poético, a criança amplia seu olhar sobre o existente, entrando em contato com novas vivências e experiências, diferentes de seu ambiente familiar, linguístico e social; além de expandir o seu nível semântico, pois as palavras passam a ter novos significados, sentidos diferentes do habitual. Machado (1996, p. 43) mostra a relação intrínseca e natural entre universo infantil e linguagem poética, afirmando que é “só por intermédio do jogo com as palavras que a linguagem poética se manifesta, transgredindo modelos de linguagem ditados pela vida cotidiana”.

Nesse sentido, a linguagem se potencializa, se afirma, nutre-se, dando ao leitor/criança a sensação que ela sempre pode mais, podendo ir além do que está escrito. Ela permite que a criança estabeleça relações com o mundo que a cerca, dando-lhe um novo sentido. Para mostrar a função emancipatória, libertadora da poesia e da literatura, Souza (2011, p. 152) ratifica:

A literatura estimula o desenvolvimento estético de cada pessoa, pois não explica o mundo como faz a ciência e a razão. Entretanto, por ser rica em intenções e fecunda em ambiguidades, ela tem o poder de aflorar nossos sentimentos, o que gera o refinamento do nosso espírito e acarreta uma nova percepção sobre o mundo, as pessoas e as relações existentes.

A poesia torna-se o resultado de todo o trabalho realizado com a palavra, intensificando e evidenciando o aspecto lúdico, imaginário e emocional, tão importantes nos textos infantis. Esse trabalho com a linguagem poética deve ser menos pragmático, menos instrumental; e deve priorizar o jogo poético, a brincadeira, a festa, mostrando que o mundo está repleto de novas descobertas, podendo ser reinventado a qualquer momento por meio da imaginação.

A linguagem poética tem o poder de subverter expectativas e transformar o que está estabelecido. Cunha (2011, p. 66), ao mostrar o valor e a importância da linguagem poética no desenvolvimento da criança, afirma que:

Na poesia, assim como no cotidiano da criança que começa a se comunicar verbalmente, a linguagem pode ser um brinquedo, um jogo, cuja única motivação é justamente o prazer de descobrir e inventar palavras, adivinhar e inverter sentidos, explorar ritmos, sonoridades, repetições e coincidências. Aprender o mundo, enfim, de forma menos racional e utilitária.

Dessa forma, a leitura poética deve despertar na criança sensações e emoções nunca antes sentidas. Ela deve ser fluida, natural, e principalmente, não deve servir a fins utilitaristas, pedagógicos, educacionais, linguísticos, devendo ir além, levando à criança/leitor ao encontro de mundo novo, pronto a ser descoberto e explorado.

### 3 MARCAS DA POESIA NA OBRA DE LYGIA BOJUNGA NUNES: LEITURA DE *ANGÉLICA*

#### 3.1 Resumindo o Enredo

Publicado em 1975, o livro *Angélica*, segunda produção literária da renomada e premiada escritora brasileira Lygia Bojunga Nunes, recebeu o Selo de Ouro, considerado “O melhor para a criança”, concedido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, devido ao seu alto trabalho artístico e literário. O livro também integra o conjunto de obras que em 1982 deu a referida autora o prêmio Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da Literatura Infantil entre os escritores infanto-juvenis, tornando Bojunga a primeira autora, não pertencente a Europa ou aos Estados Unidos, a ganhar um prêmio de extrema importância dentro do mundo literário infanto-juvenil.

O livro *Angélica* (nome do título e da personagem principal) conta a história de uma jovem cegonha pertencente a uma tradicional e conservadora família de cegonhas, muito respeitada em seus país, que procuram preservar a todo custo, o mito propagado de serem elas as responsáveis por trazerem os bebês ao mundo.

Mito que proporciona conforto, fama e bem-estar social a todos, mas que fica ameaçado quando Angélica, a mais nova integrante da família, descobre a verdade e não aceita compartilhar e propagar a mentira contada à anos.

Angélica – (...) Mas se a gente sabe que é mentira como é que a gente vive espalhando essa ideia? Como é que a gente tem até bandeira bordada com cegonha carregando bebê?

Lutero: Porque é por causa dessa mentira que a gente vive bem, que a gente ganha presente, que todo o mundo nos respeita, que...

Angélica: Mas se a gente sabe que é mentira, a gente não pode passar a mentira pros outros! A gente tem que parar e dizer: é mentira! Essa ideia não vale!

(BOJUNGA, 1995, p. 70)

Por não compartilhar das ideias de sua família, Angélica ver-se em um grande dilema: calar e continuar vivendo uma mentira que dá prestígio social, respeito a sua família, que considera-se feliz e realizada, ou ir contra todos e lutar pela verdade, pelos valores que realmente acredita; abrindo caminho para mudança de atitudes e valores, tanto contestados por sua família.

Lume: Sabe, Angélica? Se você entrar no nosso trem você acaba pensando do jeito que a gente pensa.

Angélica: Mas eu não quero pensar do jeito que vocês pensam: eu acho que tá errado.

(BOJUNGA, 1995, p. 75)

Todo esse conflito vivenciado por Angélica, a faz tomar uma importante decisão: deixar seu país e sua família e ir em busca de uma nova vida, em um lugar que não precisasse continuar mentindo.

Ela, enfim, decide deixar seu país e ir para o Brasil, achando que não precisaria mentir mais; mas ao chegar, percebe que esse mito existia lá também, e que ela precisaria enfrentar e conviver com ele, pois não importava o lugar, ele existiria.

No Brasil, Angélica conhece novos amigos, entre eles, Porto, um porco que passa a viver disfarçado, fingindo sua identidade, com o intuito de fugir de sua condição marginalizada de ser um porco. Porco! – e foi embora, compreendendo pelo caminho agora que o maior azar da vida dele tinha sido nascer porco. (BOJUNGA, 1995, p. 12)

Conhece também Canarinho, um elefante discriminado por ser velho e que não consegue trabalho em lugar algum; O sapo Napoleão Gonçalves, vasado com Mímidas-Perucas, que por ser extremamente vaidosa acaba morrendo em um “acidente de beleza” e deixa Napoleão cuidando dos seus sete filhos; e finalmente o casal de crocodilos Jota e sua mulher, conhecida como mulher do Jota.

Angélica e seu grupo de amigos resolvem unir-se em busca de apoio e ajuda, já que todos passavam por momentos difíceis. Para isso ele decide realizar uma peça teatral contando a história da vida de Angélica. A peça torna-se um sucesso e principalmente, contribui para que os seus integrantes superem suas dificuldades, seus medos e assumindo suas identidades, dando um sentido para suas vidas.

Angélica decide ficar no Brasil, aceitando o mito que antes a “machucava”, aprendendo a conviver com ele e tornando-se, enfim, feliz.

### 3.2 Identificando as marcas da poesia em *Angélica*

A poesia e, especialmente a poesia infantil, tem o poder de fazer a criança “viajar” em um mundo desconhecido, emocionar-se, liberar sua criatividade e espontaneidade. A linguagem poética reflete, exprime e aproxima a criança da

poesia, mostrando todo o fascínio que a palavra pode exprimir e a multiplicidade de imagens e significados que ela pode suscitar.

Ela não restringe-se, apenas, a uma forma, que de acordo com Cunha (2012, p.20) “tem um caráter concreto, e é um texto escrito (primordialmente, mas não exclusivamente) em verso”. A poesia vai além desse conceito, pois transpassa o escrito e o concreto despertando a sensibilidade e a emoção. A poesia também pode está presente no texto em prosa, caracterizando-o como uma prosa poética. Ao se referir esse gênero, Cunha (2012, p.21) afirma que se tratam de “textos dispostos da maneira convencional das narrativas, e que pelo seu forte conteúdo poético e até mesmo pela sonoridade e ritmo das frases, são comumente entendidos como prosa poética”.

Lygia Bojunga Nunes faz uso dessa forma literária em sua narrativa *Angélica*, trazendo para a mesma uma grande “carga” poética, percebida ao longo de todo o texto. Para dar toda essa poeticidade, ela traz para o texto efeitos poéticos, como ritmo, sonoridade, jogos sonoros (onomatopeias, aliteraões, assonância), figuras de linguagem (metáforas) que possibilitam a sua caracterização com a linguagem poética. A utilização desses recursos poéticos tornam-se importantes também para mostrar a alegria presente na narrativa, alegria essa que transpassa o texto e pode ser sentida por todos que travam contato com a obra de Lygia Bojunga Nunes. A autora posiciona as palavras de uma maneira que elas assumem múltiplos significados, estimulando a sensibilidade, a emoção, a criatividade e a imaginação da criança. A utilização desses recursos muitas vezes desencadeia o humor no texto, reforçando, assim, a alegria que comparece na narrativa de Bojunga.

Um dos recursos muito utilizados na construção de poemas e que também encontram-se presentes em *Angélica* são as rimas. Elas dão ritmo e sonoridade ao texto, ampliando os significados presentes nele, além de torná-lo mais musical, com uma linguagem simples, própria e atraente para o público infantil. As rimas caracterizam bastante a linguagem poética e a esse respeito Cunha (2012, p.43) afirma:

Não se deve confundir a rima com a simples identidade de sons entre as sílabas finais das palavras localizadas nos finais dos versos. A rima não está restrita nem à igualdade das letras, nem à posição final dos versos. Numa perspectiva mais ampla, ela faz parte do conjunto possível de jogos sonoros, sendo entendida como a semelhança ou parentesco de sons entre as palavras.

As rimas estão presentes em *Angélica* de forma sonora e musical, trazendo para a narrativa leveza, e poeticidade. Os versos rimados comparecem na obra em fragmentos como os que seguem:

Marcha, cegonha  
aprende essa lição:  
A nossa bandeira  
Não é brincadeira  
É uma grande curtição. (p.67)

Angélica não é gente,  
Não tem braço, não tem dente.  
Então o que é que ela é?  
É o tipo da curtição quente! (p.103)

Venha comer no restaurante formoso  
É lindo, agradável, gostoso  
Tem tudo que você sonha comer  
Por preços tão baixos que é preciso ver. (p.27)

Outro recurso utilizado pela autora para dar poeticidade à sua narrativa é a presença de jogos sonoros, a partir dos quais o leitor tem a possibilidade de adentrar no universo da poesia e, por extensão, na ludicidade da linguagem e também de enfatizar a alegria que a leitura da narrativa possibilita. Sobre a importância desse recurso na poesia infantil, Cunha (2012, p.44) declara:

A importância dos jogos sonoros, principalmente no caso da poesia infantil, não está em sua identificação e classificação, mas, sim, no reconhecimento dos seus valores expressivos, na função poética que exercem, alimentando os sentidos do texto poético.

O primeiro a destacar-se são as onomatopeias, palavras que imitam os sons de seres e coisas, usadas no texto para elucidar e afirmar o que foi dito. Como mostram esses trechos da narrativa:



Toque, toque, bateram outra vez. (p. 47)

Totorototó!! (p. 57)

Uuuuuuuuuuu! ... Tchoque, tchoque, tchoque, tchoque, tchoque, tchoque – tchoque... (p. 59)

Blemblembombom – tom timbleblem. (p. 61)

Zua: Lá vou eu: bzzzzzzzzz. (p. 80)

Essas expressões representam, respectivamente, batidas na porta, o toque de corneta, barulho do trem, o toque do sino, e o som de um voo. Elas aparecem várias vezes ao longo do texto, dando-lhe ritmo e sonoridade.

A aliteração, a repetição de consoantes ao longo de frases, períodos, visando a produção de efeitos expressivos dentro do texto, como a imitação de eventos rítmicos, sonoros e visuais, também é bastante frequente, conforme verificamos nessas passagens:

(...)

Pra ninguém: Nem pra quem mente, nem pra quem é enganado. (p. 73)

Pra fazer força não é preciso gemer desse jeito. Força outra vez. (p. 80)

Botão bacana! Pra que serve?  
Pra abotoar as ideias. Abotoa muito bem abotoado. (p. 83)

A assonância, repetição das vogais ao longo das frases e períodos, buscando também sugestões expressivas, com efeitos rítmicos e sonoros aparecem ao longo da narrativa *Angélica*:

E o que é que tem ela querer saber? (p. 28)

O*i*!

V*i*va! A Angé*l*ica nasceu de novo. O*i*. Angé*l*ica!

Um abraço, m*i*nha f*i*lha. V*i*va! V*i*va! (p. 80)

Aí eu pensei: taí a Angélica devia ir morar  
Num país assim. (p. 76)

As figuras de linguagem, inclusive as que destacamos nessa análise, põem em evidência os aspectos funcionais subjetivos da língua, sendo por meio do escrito que eles se concretizam. Sendo essenciais na poesia ou na prosa poética, elas dão expressividade à escrita, possibilitando a criação de um mundo cheio de novas palavras, que vão fluindo, encantando e emocionando a todos, inclusive a criança, destinatária do livro *Angélica*. A rica e simbólica linguagem dessa narrativa revela uma dos traços distintivos da obra de Lygia Bojunga Nunes.

Uma das figuras de linguagem utilizadas pela autora é a metáfora, figura que possibilita estabelecer relações de semelhança entre elementos diferentes, selecionando aspectos que os aproxima para dar um efeito poético aos mesmos. Observemos o fragmento abaixo:

Quando uma pessoa tem um jardim e quer ver uma flor nascer bota uma semente na terra, não bota? A semente cresce lá dentro da terra, depois vira flor. Quando um casal quer ver um filho nascer, o homem bota uma semente na mulher. Que nem num jardim. Só que em vez de virar flor, vira bebê. (p. 70)

Constatamos que Bojunga relacionou, de maneira extremamente poética, o nascimento de uma flor ao nascimento dos bebês, trazendo para o texto imagens poéticas representadas por meio de metáfora. Assim a poesia desperta sensações e emoções que somente a linguagem poética consegue produzir, confirmando a ideia de Cunha (2012, p. 98) de “que a linguagem poética é plural: abre possibilidades para diferentes leituras”. Ou seja, o texto poético pode despertar, suscitar diferentes leituras, significados, assumindo, assim, um caráter múltiplo de leituras para o leitor.

Nota-se que Lygia Bojunga Nunes dá a seu texto toda essa multiplicidade de leituras. Além de trazer para o mesmo, como mencionado e exemplificado anteriormente, uma linguagem poética, repleta de sentimentos e emoções, que vai despertar no leitor/criança ou não os mais belos sentimentos, todos carregados de significação. Sendo assim, podemos afirmar que o texto de Bojunga é detentor de grande valor literário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que a leitura e o interesse por uma obra literária não termina após sua análise. A impressão que fica é que há algo mais a ser dito. De modo que talvez esse seja o ponto inicial de um longo e produtivo estudo. O fato é que a leitura crítica de *Angélica* nos possibilita afirmar que Lygia Bojunga Nunes rompe e transgride os limites entre fantasia e realidade, possibilitando, por meio da leitura de seus livros a produção de significados para o leitor (criança ou não), fazendo-o ir além do que está escrito.

Por meio de uma linguagem “plural”, Bojunga procura em suas obras tornar a literatura infantil brasileira mais próxima e adequada à criança. Vista por ela como um ser ativo, capaz e com muito a contribuir para uma mudança social, a autora mostra que o texto infantil não necessita trazer ensinamentos e que este não deve estar atrelado a uma função pedagógica e moralizante, sendo o mais importante retratar o universo infantil, a partir do olhar da criança, evidenciando seus sonhos, questionamentos e indagações.

Como vimos, Lygia Bojunga Nunes rompe com a literatura infantil tradicional, com o pedagogismo e o moralismo, mostrando que o texto infantil não pode ser escrito de qualquer forma, sem uma preocupação literária. Ele deve despertar, através de sua leitura, a imaginação, a criatividade e a ludicidade existente no universo infantil.

A leitura de *Angélica* abre várias possibilidades de significação e questionamentos ao que está estabelecido. Sua linguagem, além de trazer poeticidade para a narrativa, oferece ao leitor formas de reflexão sobre a sociedade que cerca o leitor e também sobre sua própria condição, fazendo-o refletir a respeito do que é importante, dos planos e sonhos futuros, além de mostrar a alegria que a leitura transmite.

A leitura de Lygia Bojunga Nunes, e especialmente *Angélica*, proporciona a reflexão da realidade existente, a busca de novas experiências e vivências. A partir de sua leitura o leitor vive uma experiência singular, expandindo seus conhecimentos, abrindo novos horizontes antes desconhecidos, que começam ganhar forma por meio das palavras de Bojunga.

*Angélica* transpassa o escrito, traz toda uma plurissignificação de sentidos, e a linguagem poética existente desperta a emoção, tocando o mais profundo de cada um que a lê. Bojunga, com sua escrita inovadora, desperta também o humor, a alegria em sua narrativa, mostrando para o leitor/criança, não o que é certo ou errado, o que deve ou não ser feito, mas sim a busca do que é importante para cada um, independentemente, de opiniões “alheias”, cada um pode ser o que sonhar.

## REFERÊNCIAS

- BORDINI, Maria da Glória. **Poesia e consciência linguística na infância.** In: MOLK, Ana Luiza B.S. et.al. **Leitura e Desenvolvimento da Linguagem.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é Literatura Infantil.** São Paulo: Brasiliense, 2006.
- CAGNETI, Sueli de Sousa. **Livro que te quero livre.** Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1986.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola.** São Paulo: Global, 2007.
- COSSON, Rildo. **O espaço da literatura na sala de aula.** In: COSSON, Rildo; MACIEL, Francisca; PAIVA, Aparecida. (org). **Literatura: ensino fundamental.** Brasília: MEC, 2010.
- CUNHA, Leo. **Poesia para crianças: conceitos, tendências e práticas.** Curitiba: Piá, 2012.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: Histórias e Histórias.** 6ª ed. São Paulo: Ática, 2006.
- NUNES, Lygia Bojunga. **Angélica.** 18 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1995.
- NUNES, Lygia Bojunga. **A Bolsa Amarela.** 2 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1976. p. 11.
- OLIVEIRA, Ana Arlinda de Oliveira. **O professor como mediador das leituras literárias.** In: COSSON, Rildo; MACIEL, Francisca; PAIVA, Aparecida. (org.). **Literatura: ensino fundamental.** Brasília: MEC, 2010.
- PONDÉ, Glória Maria. **Poesia para crianças: A mágica da pequena infância.** In: KHÉDE, Sonia Salomão. (org). **Literatura Infanto-juvenil: um gênero polêmico.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.
- SOUZA, Renata Junqueira. **Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.